

## A CHINA E A NOVA ROTA DA SEDA: UMA ABORDAGEM GEOPOLÍTICA

KÁSSIA P. SCHIERHOLT<sup>1</sup>; TWAIER GUIMARÃES DE SOUZA<sup>2</sup> ESTER G.  
KURZ<sup>3</sup>; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE<sup>4</sup>

*1 Universidade Federal de Pelotas– kassia\_ps@hotmail.com*

*2 Universidade Federal de Pelotas– twaierguimaraes@gmail.com*

*3 Universidade Federal de Pelotas– gruppellikurzester@gmail.com*

*4 Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado no Grupo de Pesquisa Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul) e no Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA), que desenvolvem o Projeto de Pesquisa Dinâmicas Antissistêmicas no Atual Sistema-Mundo.

No século XXI, a Ásia emerge como uma das regiões mais importantes da economia mundo (ARRIGHI, 2009 apud KOTZ, 2018, p. 23) e a China possui papel de destaque nesse cenário devido à sua ascensão econômica, impulsionada pelo período de reformas e abertura introduzido pelo governo de Deng Xiaoping (1978-1989) (KOTZ, 2018, p. 23). A ascensão do gigante asiático pode ser apontada como elemento-chave de uma possível nova ordem global, uma vez que a China tem representado quase 30% do aumento do PIB mundial nos últimos anos, tornando-se a maior exportadora e a segunda maior potência econômica do mundo (LIU; DUNFORD, 2016).

Todavia, diferentemente dos Estados Unidos, a China não demonstra interesse em propagar uma moralidade e também não acredita em uma narrativa universalista (STUENKEL, 2018, p. 73,90). Essa diferença já era apontada por Kissinger (2011 p. 34-35), quando escreveu que a China se via desempenhando um papel especial, mas sem nunca ter abraçado o ideal americano do universalismo. Em sua história milenar, os chineses acreditavam ter “cultura e magnitude” incomparáveis aos de outros povos, contudo os imperadores não julgavam conveniente querer exportar suas tradições a países que por infortúnio eram tão distantes das terras chinesas.

Com isso em vista, nosso trabalho buscou esclarecer, de forma geral, as principais intenções dos chineses com a colocação em prática da Nova Rota da Seda (NRS). Ademais, a pesquisa teve como objetivo específico pontuar processos históricos que levaram a formulação do projeto chinês de infraestrutura Belt and Road Initiative (BRI) para a construção da chamada “Nova Rota da Seda” (NRS), investigou-se de que forma a BRI pode fazer parte de uma estratégia de inserção internacional da China, que não visa combater a posição ocupada pelos Estados Unidos como o país hegemônico, uma vez que, como aponta Stuenkel (2018), o país busca construir estruturas paralelas às já existentes na ordem global tencionando aumentar sua autonomia em relação ao Ocidente. E por fim, indagamos as possíveis estratégias geopolíticas usadas pela política externa chinesa.

Para fazer a análise do tema utilizamos a perspectiva teórica antissistêmica a partir da constatação do declínio da hegemonia estadunidense no âmbito da geopolítica, economia e cultura (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 1996). A dimensão antissistêmica ocorre pelas tentativas chinesas de criar maior autonomia frente aos dilemas impostos pelos Estados Unidos para a consolidação de um mundo multipolar nos âmbitos geopolíticos, financeiro e cultural.

## 2. METODOLOGIA

Posto que o artigo tinha como objetivo geral esclarecer as principais intenções dos chineses com a colocação em prática da NRS, conduzimos o trabalho por meio de apontamentos a respeito das iniciativas e movimentações chinesas ao longo dos últimos anos. A nossa pesquisa, de cunho investigativo qualitativo, caracterizou-se a partir de levantamentos bibliográficos fidedignos, como artigos científicos, teses, livros e periódicos que permitiram uma argumentação da proposta e contribuíram para a construção da problemática do trabalho, por meio de uma análise da conjuntura chinesa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As rotas que conectaram, durante mais de dez séculos de funcionamento, a China, a Índia e o mundo mediterrâneo por meio da Ásia Central, foram chamadas de “rotas da seda”, termo cunhado pelo geógrafo e explorador alemão Ferdinand Von Richthofen. Além da seda eram comercializados metais preciosos, cerâmicas, ferro e rebanhos, levando múltiplos vocabulários, escritas e religiões para diferentes lugares, conectando culturas e nações (MARSHALL, 2013).

O último período de crescimento da primeira rota da seda ocorreu durante a era mongol, entre 1207 e 1368, sendo a época da pax mongolica a que atraiu muitos exploradores para a China, entre eles Marco Polo e Ibn Battuta (MARSHALL, p. 79-80). Do século XIV ao século XIX, quando foi proclamada, em 1949, a República Popular da China, o país ainda viveu sob duas dinastias, Ming e Qing, e sofreu com diversas rebeliões e transformações internas. Tais acontecimentos acarretaram em um isolamento chinês desde a Dinastia Ming e que se estendeu também no período governado pela Dinastia Qing.

Conforme apontado por Pinheiro-Machado (2013), foi somente a partir de 1978, que Deng Xiaoping implementou uma nova estratégia econômica chamada de “As Quatro Modernizações”: agricultura, indústria, defesa e ciência e tecnologia. Na área da economia e da política “Deng desfez o sistema de comunas e promoveu a abertura econômica para a economia de mercado, a qual foi realizada aos poucos, inicialmente, por meio da abertura de zonas especiais”.

Posto isto, observou-se que o presidente Xi Jinping, desde que assumiu o governo em 2013, tem primado, na política externa chinesa, por “ressuscitar os vínculos da China com o continente eurasiático” por meio da Belt and Road Initiative (STUENKEL, 2018, p. 177-178). Para isso, o projeto ambicioso conta com duas frentes: uma terrestre e outra marítima, e as duas juntas visam o estabelecimento de uma conectividade ainda maior entre a China e suas regiões vizinhas.

O projeto de conectividade massiva em infraestrutura tem como base o antigo trajeto da Rota da Seda. De acordo com Benvenuto (2018), a iniciativa irá conectar os países ao longo do oceano pacífico ocidental até o Mar Báltico, o que somará mais de 60% da população mundial, 30% do PIB global e 35% do comércio internacional. Tais números mostram a dimensão colossal que a Iniciativa apresenta.

Para a concretização dos seus objetivos, a NRS conta com um Fundo de 40 bilhões de euros, voltados exclusivamente para a autorização de projetos, além da expectativa de Pequim, que pretende investir até 732 bilhões de euros nos próximos 5 anos. (PEREIRA; PEREIRA, 2018, p. 59). À vista disso, Shi (2015), afirma que a China, com base em sua grande potência econômica e financeira, busca por meio da

Iniciativa “construir uma economia estratégica”, visando o aumento da sua influência frente à presença estadunidense na região do Pacífico Ocidental.

Nesse sentido, uma análise feita foi a de que Xi Jinping estaria utilizando-se da Nova Rota da Seda para pressionar os países envolvidos no projeto a praticarem, no Sistema Internacional, uma política multilateral. Isso é posto uma vez que a China tem requerido e aplicado o multilateralismo em inúmeras falas do presidente e em declarações oficiais do país em oposição às medidas unilaterais e protecionistas utilizadas, há anos, pelos Estados Unidos e que têm sido intensificadas no governo de Donald Trump.

O segmento terrestre da Iniciativa inclui a construção de milhares de quilômetros de ferrovias e a pavimentação de estradas. Atualmente, existem 39 linhas ferroviárias que ligam 16 cidades chinesas à Europa, das quais destacam-se a linha ferroviária que liga Yiwu à Madri, essa sendo a maior linha ferroviária do mundo, e a que liga Yiwu à Londres, com seus 12 mil quilômetros de extensão, percorridos em 16 dias, passando por países como Cazaquistão, Rússia, Tailândia, Paquistão, Etiópia, Hungria, Grécia, Sérvia Bielorrússia e alguns países europeus (PEREIRA; PEREIRA, 2018, p. 58).

Por outro lado, a rota marítima, por meio da cooperação baseada no desenvolvimento de integração, de livre comércio e de um intercâmbio científico e humano, desempenha um papel fundamental, tendo apoio da academia e do governo para desenvolver um novo padrão de comércio e de diplomacia (KOBEOVIĆ *et al*, 2018 p. 118). Além disso, Cintra e Pinto (2017) apontam, a Rota da Seda Marítima também tem efeitos sobre plano militar. Com a intenção de proteger rotas de abastecimentos e no longo prazo de proteger os Mares da China, fazendo com que a marinha americana fique apenas no Pacífico Ocidental.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluimos com a nossa análise da Nova Rota da Seda que a China não está visando substituir os Estados Unidos da América como país hegemônico no Sistema Internacional com a construção da Nova Rota da Seda, mas sim criar um poder paralelo ao do país norte-americano, agindo de forma antissistêmica e não de forma a promover a manutenção da atual estrutura internacional.

O discurso chinês possui enfoque no desenvolvimento por meio da cooperação multilateral e no pacifismo, os resultados futuros de suas ações no plano internacional poderão colocar a China em uma posição de prestígio econômico ainda maior no cenário mundial, assim como de influência no Ocidente e posições militarmente estratégicas ao redor do mundo. A Iniciativa proporcionará uma integração física da região Eurásia, enquanto cria um bloco econômico continental, e a motivação para isso pode ir além da econômica, tratando-se de uma projeção geopolítica da China enquanto potência no sistema internacional.

Para além disso, acreditamos ser válido o questionamento se a Nova Rota da Seda não será o primeiro passo para, nas próximas décadas, ser formada a maior união econômica e política do mundo, cujo papel de destaque será do gigante asiático.

#### 5. REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro, Editora UNESP, 1996.

BENVENUTO, Laura Martucci. A Nova Rota da Seda: conquistas e controvérsias. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA, 10, 2018, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. São Paulo: FFLCH/USP, 2018. p. 00 - 00. Disponível em:

<<https://www.enabed2018.abedef.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 22 set. 2019.

CINTRA, Marcos Antonio Macedo; PINTO, Eduardo Costa. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 2, p.381-400, 2017.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 572 p.

KOBOEVIĆ, Žarko; KURTELA, Željko; VUJIČIĆ, Srđan. The Maritime Silk Road and China's Belt and Road Initiative. **Naše More**, [s.l.], v. 65, n. 2, p.113-122, jun. 2018. University of Dubrovnik. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17818/nm/2018/2.7>. Acesso em: 29 mar. 2020.

KOTZ, Ricardo Lopes. **A Nova Rota da Seda: entre tradição histórica e o projeto geoestratégico para o futuro**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Centro de Ciências Sociais e Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina,, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193931>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

LIU, Weidong; DUNFORD, Michael. Inclusive globalization: unpacking China's Belt and Road Initiative. **Area Development And Policy**, [s.l.], v. 1, n. 3, p.323-340, 28 set. 2016. Informa UK Limited. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/23792949.2016.1232598>>. Acesso em: 29 mar. 2020

MARSHALL, Francisco. As rotas da seda, caminhos entre a China e o ocidente. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China, passado e presente: um guia para compreender a sociedade chinesa**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013. p. 77-81.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China, passado e presente: um guia para compreender a sociedade chinesa**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013. 248 p.

PEREIRA, Antônio Antônio Celso Alves; PEREIRA, João Eduardo de Alves. A construção do Sistema Comercial Internacional Sinocêntrico: a nova Rota da Seda. **Revista Interdisciplinar do Direito - Faculdade de Direito de Valença**, [s.l.], v. 16, n. 2, p.49-60, 2018. Revista da Faculdade de Direito de Valença. Disponível em: <http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV>. Acesso em: 02 abr. 2020

SHI, Y. H. China's complicated foreign policy. **European Council on Foreign Relations**, Londres, 31 mar. 2015. Disponível em: <[https://www.ecfr.eu/article/commentary\\_chinas\\_complicated\\_foreign\\_policy311562](https://www.ecfr.eu/article/commentary_chinas_complicated_foreign_policy311562)>. Acesso em: 13/06/2020.

STUENKEL, O. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 251 p.

WALLERSTEIN, I. **O declínio do poder Americano**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.